

PONTO DE VISTA

# Novo Ensino Médio

MAGNO DE AGUIAR MARANHÃO

Reitor do Centro Universitário Augusto Motta (RJ)

A pesar do expressivo crescimento de 40% dos últimos anos, o Brasil ainda detém uma das mais baixas taxas do mundo em escolaridade no ensino médio (por volta de 30%). Agora, o Ministério da Educação divulga reformas amplas e a intenção de expandir a cobertura deste nível de ensino, fornecendo-lhe nova identidade, mais condizente com esses tempos de globalização, informatização e novas relações de trabalho. Entre as mudanças, a união das antigas disciplinas em áreas de conhecimento e a contextualização constante das informações, o que dá sentido ao aprendizado e torna os jovens mais aptos para a vida profissional e social. Boas propostas. Concretizá-las é que é tarefa complicada, pois a maioria de professores e alunos ainda não entendeu o que, na prática, mudará em sala de aula, nem o papel fundamental que eles têm nesse processo.

Teoricamente, a reforma vale a partir do ano 2000. Para financiá-la, o MEC anuncia empréstimo de R\$ 500 milhões negociado como o Banco Interamericano de Desenvolvimento, o Bird. Contudo, dinheiro e leis garantirão, no máximo, uma forma nova. A mudança do conteúdo só acontecerá no cotidiano da escola: para começar, com professores muito bem preparados para levá-la adiante e que acreditem no que estão fazendo, e com alunos motivados mas sem ilusões quanto ao esforço que devem despender para concluir o ensino médio prontos para o trabalho ou, se for o caso, para o funil do vestibular. É preciso dizer isso pois o discurso que apregoa o fim do decoreba vem criando em muitos jovens a falsa idéia de que a palavra "estudar" foi abolida por alguma nova lei

áurea do governo, quando na verdade deve valer mais que nunca, mas agora inserida no contexto da palavra "educar".

Pelo menos, é o que esperamos, se nenhum processo de "progressão automática", que magicamente elimine altas taxas de repetência, evasão ou distorção idade-série, possibilitar ao aluno sair despreparado da escola. Diga-se de passagem, algo bem parecido está ocorrendo em locais como São José do Rio Preto (São Paulo), onde 361 alunos estão concluindo o primeiro ciclo do ensino fundamental analfabetos ou sémi-analfabetos. Não por culpa do sistema de ciclos, mas por ele ter sido implantado sem estrutura adequada e professores capacitados para o novo modelo. Não queremos, por falta de uma base sólida, o mesmo insucesso nas reformas do antigo Segundo Grau.

Mas, se a ânsia para engordar as estatísticas de concluintes do ensino médio for contida e as escolas tiverem condições, para valer, de implementar a reforma, darão um grande salto, a bandeira dos grandes pedagogos deste século, mas isso nunca foi feito — o Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, já em 1932, avisava que nessa idéia deveria ser construído um ensino de qualidade, que se dignasse a formar cidadãos aptos a contribuir para e sobreviver numa sociedade incerta, em constante transformação. E isso era dito num tempo em que, nem em sonhos, vislumbra-se as mudanças que a revolução tecnológica operaria em todas áreas de conhecimento.

A perseguição a esses objetivos já poderá ser sentida nas salas de aula a partir do próximo ano, de acordo com o MEC. Que não seja travada pelos eternos

problemas burocráticos e financeiros que levam as reformas educacionais nesse país caminharem a passos de tartaruga. Se queremos universalizar o ensino médio, isso significa que, daqui a alguns anos, mais de dez milhões de adolescentes estarão batendo às suas portas, e deverão, como manda a nova LDB, ser educados na perspectiva do trabalho e da vida cidadã, e não visando pura e simplesmente o pulo para a universidade e um emprego.

Essas diretrizes só fazem acompanhar a tendência mundial do ensino médio, que tenta se adaptar às exigências do novo mundo. Um mundo onde o saber não se fragmenta e todas as áreas de conhecimento se cruzam a todo instante e onde os jovens, portanto, têm que saber, desde a escola, a fazer as conexões necessárias; um mundo onde as pessoas precisam se reciclar constantemente, desenvolver o espírito crítico para selecionar informações, e ser criativas o suficiente para oferecer um bom trabalho, sem que fiquem à espera que lhes ofereçam empregos (cada vez em menor número).

Qualquer sistema educacional, hoje, para merecer ser chamado assim, precisa levar tudo isso em conta. Sabemos que nossa reforma não será da noite para o dia, principalmente levando em conta as dimensões do Brasil, seus imensos problemas regionais, a falta de escolas, o despreparo dos professores, frutos de gerações de descaso com o ensino público. Mas estes são motivos a mais para que se insista nas mudanças, para que sejam aceleradas e priorizadas. Não fazê-lo seria algo como o Brasil querer engrenar a marcha para o terceiro milênio deixando nossos novos cidadãos fora do carro.